

PAULINA CHIZIANE

Lúcia Maria Marques Seia Borrego

Paulina Chiziane nasceu em Manjacaze, na província de Gaza, no sul de Moçambique, a 4 de Junho de 1955.

Estreou-se na imprensa moçambicana (no periódico *Domingo*, na *Página Literária* e na revista *Tempo*), com a publicação de alguns contos e poemas que foram sendo divulgados esporadicamente. O seu primeiro romance, *Balada de Amor ao Vento*, foi editado em Moçambique, em 1990¹. O segundo, *Ventos do Apocalipse*, concluído em 1991, foi publicado em Portugal em 1999. No ano seguinte veio a lume o seu terceiro romance intitulado *O Sétimo Juramento*, que foi publicado em Portugal nesse mesmo ano (2000). O romance mais recente da escritora, *Niketche: uma história de poligamia*, saiu em Portugal em Outubro de 2002.

Quer falar-nos um pouco da sua infância e juventude? Onde nasceu, viveu, estudou e cresceu?

Eu nasci em Manjacaze que é um distrito da província de Gaza. Nasci no campo e, na idade de ir para a escola, fui para o subúrbio de Lourenço Marques, que hoje é Maputo. Fiz o ensino primário no subúrbio e, depois, fui fazer o ensino secundário na cidade. Acabei o ensino secundário quando tinha dezassete ou dezoito anos. Aos dezanove me casei. Não foi uma grande tragédia, mas casei-me bastante cedo. Quando era casada, tentei estudar, mas foi uma grande dificuldade, porque tinha os filhos, o emprego e os estudos também. Não deu certo e não cheguei a acabar o curso superior. Eu estava na Universidade de Eduardo Mondlane a fazer Linguística. Não terminei, mas hei-de acabar um dia...

¹ Publicado em Portugal em Junho de 2003, posteriormente à data da entrevista (28/10/2002).

Que memórias da infância e juventude considera mais marcantes?

Da infância eu lembro-me dos campos abertos e da liberdade que eu tinha. Podia ir para onde quisesse que não havia perigo nenhum. Saltava, corria e subia em cima das árvores. Foi uma infância bonita. Agora, da juventude... O que me marcou foi a independência, sobretudo o 25 de Abril. Tinha dezassete anos quando se deu o 25 de Abril e foi como que um despertar para coisas que eu nunca antes tinha imaginado: revolução, independência, essas coisas todas...

Os seus pais eram protestantes, no entanto, frequentou uma escola católica. Qual a razão dessa escolha?

Não foi propriamente escolha. Havia poucas escolas protestantes. A escola católica era a escola reconhecida para os africanos, então havia muito mais facilidade em frequentar a escola católica do que propriamente a escola protestante. Mesmo o sistema de exames era muito complicado. Na escola católica os alunos frequentavam as aulas e faziam os exames na própria escola. Era uma escola reconhecida, enquanto que as protestantes funcionavam mais ou menos como escolas periféricas, escolas privadas. Quem estudasse numa escola protestante, depois tinha que se inscrever como aluno externo na escola oficial e isso não era bom. Foi mais por isso que optámos pela escola católica.

Em 1974, com 18 anos de idade, adere à militância revolucionária.

Nessa altura concentraram-se os grupos militantes. Eu fazia parte desses grupos porque tinha força e gostava de participar nas acções que desenvolviam. Hoje, que já sou adulta, começo a reconhecer que foi a minha primeira escola de militância.

Hoje sou aquela pessoa que, mesmo nos momentos difíceis, não caio de qualquer maneira, porque eu sempre tenho uma esperança de, enfim, vencer qualquer batalha. Perco uma e vou ganhando a outra. Isso eu aprendi nessa altura, que foi logo a seguir ao 25 de Abril, em que se juntavam grupos de jovens para ouvir falar da independência, da liberdade, etc., etc.. Fugimos várias vezes da polícia colonial, desafiávamos as autoridades, espalhávamos panfletos, organizávamos greves. Eu acho que foi, de facto, uma escola de formação.

Viveu de perto a guerra?

Muito, muito perto. A guerra colonial não, porque vivia na cidade, mas a guerra civil sim.

Na altura, eu trabalhava na Cruz Vermelha e viajava muito para os lugares afectados pela guerra. Já caí em cruzamentos de fogo. Recordo-

-me agora de um cruzamento de fogo real, um ataque esporádico que houve, quando viajava de Maputo para Gaza. Estávamos numa estrada. Os rebeldes estavam de um lado da estrada e os soldados governamentais do outro lado da estrada. Estavam a incendiar carros e a matar. Morreu muita gente. Um senhor que estava ao meu lado morreu. Eu nem me apercebi. Quando me levantei e vi que o meu vestido tinha sangue, comecei a procurar feridas no meu próprio corpo, para depois ver que o senhor que estava ao meu lado já tinha morrido. Esse foi um episódio. Outro foi em Vilancolos, que fica na província de Inhambane. Estávamos na vila, que era um lugar muito seguro. Uma senhora de lá, que estava connosco, decidiu urinar atrás de um arbusto e, quando ela vinha a regressar, deu-se uma explosão fenomenal, estrondosa mesmo. No percurso ela tinha accionado uma mina. Nós éramos as únicas pessoas que estávamos ali perto e, claro, tínhamos que socorrê-la. Essa mulher morreu nos meus braços. Lembro-me perfeitamente dela. Era uma mulher muito corpulenta, cheia de vida e muito risonha.

O bairro onde eu vivia, que era Mutola, era muito atacado pelos rebeldes. Tinha um Centro Comercial e um Hospital, então os rebeldes, de vez em quando, para o seu reabastecimento, lá iam atacar o Centro Comercial e o Hospital, por causa dos medicamentos. Nesses momentos, às vezes, cruzavam-se com as forças do Governo e era um tiroteio incrível. Por vezes eles tinham tanta carga que precisavam de pessoas para ajudar a carregar, então abriam as portas das pessoas da vila e obrigavam-nas a carregar o produto.

Passei por esses momentos todos. Conheço muito bem a guerra. Ainda hoje, dez anos depois do calar das armas, quando cai um prato, ou há um estrondo, procuro logo um abrigo. É uma coisa instintiva... São coisas lá do tempo da guerra, mas ficaram. Por exemplo, se se embatem carros na estrada, a primeira coisa que vem à cabeça são as minas pessoais, ou uma explosão de granada. Muitos de nós ainda estamos assim... e vai levar tempo a passar.

Algures afirmou: "A escrita escolheu-me". Quando e como é que começou a sentir vontade de escrever?

Senti essa vontade na adolescência. No princípio eram coisas mesmo instintivas, nos cantos dos cadernos. A pouco e pouco fui-me familiarizando com o papel e comecei a escrever as minhas fantasias no papel e a fazer uns poemas. Lia também literatura de cordel, as Marias, as fotonovelas... Depois, mais tarde, entrei em contacto com a literatura portuguesa e fui lendo sem me aperceber. E pronto... lá fui andando, lendo e rebuscando algumas coisas. Eu tinha uma característica, que acho que ainda tenho

agora. Quando estou muito alegre, muito triste, ou tenho uma emoção profunda, gosto de ficar fechada. Nesses momentos correm-me tantas coisas na cabeça, pego num pedaço de papel e vou escrevendo.

Muito mais tarde mesmo, depois de me casar, quando começaram as primeiras dificuldades sociais, sentia que não podia conversar com muita gente sobre os meus problemas, então eu pegava no papel e começava a escrever. Depois veio o divórcio. Eu precisava de falar de mim e daquilo que eu sentia, então comecei a escrever com muito mais intensidade. Depois achei que podia escrever uma história engraçada, sem escrever exactamente os meus sentimentos. Então fui buscando personagens e fui andando, até que acabei por publicar.

A escrita, o livro, sempre me atraíram. Eu sempre vivi a busca dos livros e dos lugares onde se pudesse ler.

Essa atracção pela escrita tem algumas referências particulares ou é de base estritamente espontânea?

É mais espontâneo. Tenho um problema e começo a pensar com quem vou falar, com a minha mãe, com o meu pai, com os meus amigos... Então falo com o papel. Eu tenho uma relação de confiança com a escrita.

*Além de alguns contos e poemas publicados inicialmente na imprensa moçambicana, dedicou-se mais tarde à escrita de romances. Quer falar-nos um pouco sobre eles? Podíamos talvez começar pelo romance *Balada de Amor ao Vento* (1990).*

A *Balada de Amor ao Vento* é uma história de amor de uma jovem que vive no campo. Ela tem a sua paixão, mas a família escolhe o marido para ela. Logicamente, que ela casa-se com o indivíduo, mas acaba fugindo atrás do seu amor. Foge. Sai do campo para a cidade, onde enfrenta várias dificuldades, mas, finalmente, acaba por reencontrar a pessoa amada. Digamos que é uma história feliz. Neste livro descrevo todo o percurso que vem desde a tradição, da escola católica, da condição da mulher no campo, da vida da mulher dentro da cidade (que é um meio hostil à sua cultura) e os conflitos que isto gera dentro dela.

Ventos do Apocalipse já segue outra linha?

Absolutamente diferente. Eu escrevi a guerra no *Ventos do Apocalipse*. Embora seja um livro horrível, eu não escrevi o pior, porque a guerra teve coisas simplesmente indescritíveis, gente a morrer, gente a chorar a toda a hora. Mais uma vez, a escrita surge como uma forma de expressar este sufoco que eu tinha dentro de mim. A guerra foi uma coisa que nos sufocou a todos. Neste livro eu descrevi um pouco daquilo que eu tinha visto e alguns dos horrores que eu vivi e ouvia falar.

O terceiro livro, *O Sétimo Juramento*, já é diferente. Não fala da guerra, mas da vivência na cidade, numa situação onde já não existe guerra. Foi uma espécie de leitura que fiz em relação a uma série de coisas que se passam dentro de um país recém independente, como o nosso. A corrupção é um dos assuntos que retrato no livro. A personagem principal do livro é um ex-combatente da luta armada de libertação nacional, que se torna um grande director. Ele não tem nem capacidade, nem competência, nem interesse. Quando se vê em grandes conflitos, em vez de procurar a lógica, ele vai ao seu submundo de crenças e tabus. Foi um livro que me deu muito trabalho. As pessoas têm medo de falar sobre estes assuntos, mas para mim é importante. A crença faz vítimas, por isso, para mim, falar de feitiçaria é importante, falar de magia é importante. Faz vítimas realmente. Há casos de incesto ritual tão frequentes. Um pai vai sacrificar uma filha porque houve alguém que lhe disse que o ritual de fortuna tem que ser feito dessa maneira. Tem havido relatos de violação sexual muito brutais com crianças, com seis anos, sete anos, doze anos, tudo porque o mago disse que tem que ser assim. Vão-se fazendo este tipo de abusos e violações dos direitos humanos por causa da crença. Para mim, a magia e a feitiçaria começou a ter significado a partir da altura em que comecei a observar uma série de anomalias sociais.

No meu último livro, *Niketche: uma história de poligamia*, falo do mundo das mulheres, do que elas pensam, o que elas sonham, o que elas vivem, as suas frustrações. São cinco mulheres de diferentes lugares do país, mulheres de culturas diferentes, que se juntam à volta de um homem. O meu objectivo, ao escrever este livro, foi tentar falar um pouco sobre os sentimentos das próprias mulheres, porque acho que são poucos os livros que falam sobre os sentimentos das mulheres, daquilo que elas querem ser. Neste livro, tentei também fazer uma incursão pelo mundo das tradições, das crenças e dos sistemas na vida das mulheres. Brinco até com algumas tradições de Norte a Sul. Por outro lado, tento fazer um registo de algumas destas tradições, por exemplo, dos ritos de iniciação, do alongamento genital, das tatuagens. Conversei com algumas mulheres e, neste livro, trago alguma informação sobre o sentimento delas à volta dos ritos de iniciação. Diverti-me imenso a escrever este livro!

A realidade moçambicana surge sempre como pano de fundo para seus textos. No entanto conhece também de perto outros países da África meridional. Pensa escrever acerca de outras realidades africanas?

Vontade não me falta, mas tenho medo porque não tenho uma instituição que me apoie. Então fico limitada. Prefiro escrever sobre as questões que eu domino. Enquanto não dominar, acho que não vale a

pena. Mas eu gostaria. Agora aventurei-me a escrever sobre os rituais de iniciação das mulheres do Norte porque tive ocasião de estar lá. Enquanto essa possibilidade não surgir, eu acho que não vou fazer isso. Mas gostaria. É uma aventura diferente.

Podemos afirmar que os seus textos proporcionam uma visão real do sofrimento, guerra, destruição, miséria, mas também das alegrias, tradições, crenças e mitos do povo moçambicano?

Sem dúvida. Essa é uma das razões que me fazem afirmar que eu não sou romancista. Uma romancista, ou um romancista, é aquele indivíduo que pega num tema e ficciona. Pode partir de uma realidade, mas tem muita ficção. Eu não. Vou à rua, oiço histórias, junto-as e uso-as para fazer os meus textos. Os meus livros têm pouca ficção, então acho injusto compararem-me com aqueles que fazem ficção. Eu conto histórias e não gostaria de me igualar àqueles que fazem ficção. Acredito que um dia, se houver saúde, talvez venha a fazer ficção. Mas não, acho que não. Estou muito apaixonada pelas pessoas!

Prefere então ser conhecida como uma contadora de histórias e não como uma contista ou romancista?

Eu prefiro, sim. Existem alguns elementos de ficção nos meus livros, nos nomes e lugares, porque preciso preservar a identidade das pessoas, mas... ficção, ficção, ainda não fiz.

Durante o seu percurso escolar, académico e profissional, sentiu-se alguma vez discriminada por ser mulher?

Várias vezes. Infelizmente, várias vezes. Na escola, nem tanto, porque estudei no tempo em que havia escolas femininas e não havia esse problema. No entanto, no trabalho, sobretudo na área da escrita, eu senti muito isso.

É muito comum, um homem com muito menos qualificação académica, com muito menos competência e com muito menos seriedade ascender a postos mais altos. Mas mulher, é complicado... A tendência, quando se pede emprego, é colocar as mulheres no lugar secundário. Eu passei muito por isso.

Na área da escrita, a princípio, foi assim também. As mulheres são vistas como aquelas que têm um pensamento pequeno e pensam pouco. Foi muito difícil as pessoas acreditarem que eu, realmente, escrevia porque tenho alguma coisa para dizer. É uma coisa que me magoou ligeiramente. Eu tive a sorte de ser mais atrevida do que as outras. Acredito que há muita mulher com muito mais capacidade de fazer mais coisas extra-

ordinárias até. Se não as fizeram é porque ainda não chegou a hora, ou porque ainda não tiveram oportunidade de as fazer. Achei que devia ser atrevida, e apareci primeiro, mas isso não significa que não haja mulheres que tenham capacidade de fazer muito mais...

As personagens mais importantes dos seus livros são sempre femininas. Porquê?

As mulheres aparecem pouco nos livros e, quando aparecem, é para decorar o erótico do escritor. Eu não gosto disso. A mulher é outra coisa, é muito mais do que isso. Eu ponho as mulheres em primeiro lugar. Não sei o que vou escrever daqui para a frente, não tenho nenhuma ideia formada ainda, mas tenho a certeza que, mais uma vez, as minhas personagens vão ser femininas por excelência. É a única maneira de me vingar e de dizer que estamos presentes.

Considera-se uma escritora feminista?

É a tal palavra que não quero! Porque é que me vão dar um rótulo, só porque eu luto pelo direito de existir? Eu acho que não há razão para isso. Eu sou uma mulher e pronto. Chamar feminista a uma mulher... Talvez a palavra ficasse melhor a um homem... Uma mulher já é uma mulher, ainda a vão chamar de feminista porquê?

Existem uns exageros pelo mundo fora à volta das feministas. Existem aquelas mulheres que acham que são tudo, que os homens não fazem falta e que o mundo devia ser só das mulheres, mas isso é outro assunto...

E o próximo livro. Já tem alguma ideia de como vai ser?

Não, não tenho. Mas tenho a certeza de que vão ser mulheres a dizer o que sentem, o que querem e como querem.

Numa entrevista que deu ao Expresso, em Dezembro de 1999, afirmava que o ritmo da sua escrita vinha da tradição oral chope. Que traços privilegia dessa tradição?

Sem dúvida que sim. Não perco uma oportunidade de colocar um provérbio ou uma canção nos meus textos. Fiz isso nos meus quatro livros. Eu acho que são a marca da tradição oral. Para mim, dão um ânimo diferente ao texto. Fazem parte de um universo diferente.

Utiliza a Língua Portuguesa quando escreve os seus livros. Pensa que a língua chope pode vir a ser uma língua literária escrita?

Para vir a ser, tinha que haver um grande investimento, que não há. Os falantes de chope já são tão poucos... Para essa língua se preservar, o

Estado tinha que colocar os estudantes a aprender na língua chope, tinha que fazer os manuais e os materiais didácticos na língua chope e seria um investimento que o país não tem agora.

As pessoas que aprendem a ler nas escolas formais aprendem em português, com excepção das comunidades religiosas que fazem o seu trabalho na língua chope (lêem a bíblia e escrevem frequentemente na língua chope).

Eu fiz a minha aprendizagem na língua portuguesa. Quando era mais nova, por causa da Igreja, usei a língua chope algumas vezes, mas hoje acho que já não tenho capacidade para isso. E não só... Fui desenvolvendo tanta coisa com a língua portuguesa, que tenho um pouco mais de competência em português em relação às outras línguas.

Enquanto língua de oralidade, que papel lhe atribui junto das comunidades que a falam?

Acho que todos os povos valorizam as suas línguas, mas chega uma altura em que vêem que a única alternativa que têm, para poder sobreviver, é aprender o português. Em casa falava o chope, porque o meu pai não queria que nós perdêssemos a ligação com o chope, mas acabamos perdendo, porque fomos para a escola, fomos à rua e fomos à vida, que se faz em português. Então, mesmo contra a vontade das pessoas, as coisas acabam acontecendo. A língua portuguesa é o único veículo de comunicação que une o país de Norte a Sul, portanto é importante conhecer o português. Não temos escolha.

Qual a sua opinião sobre a evolução da literatura moçambicana nos últimos anos? Existem novos talentos? Há mulheres a escrever?

Existem novos talentos, sim. Muitas mulheres a escrever, não. Há uma jovem chamada Felizmina Velho, formada em Linguística, que já publicou dois livros, bastante bons. Existem também outras jovens que escrevem poemas e tentam começar a publicar. De ambos os sexos, há mais jovens do sexo masculino a escrever. Estão a surgir talentos muito bons mesmo, só que da escrita à publicação, até serem conhecidos, vai um longo caminho.

Hoje, além de se dedicar à escrita, sei que está a trabalhar no Norte de Moçambique, num projecto que procura ajudar as mulheres moçambicanas. Quer falar-nos um pouco sobre esse projecto e sobre o trabalho que aí tem vindo a desenvolver?

Estou a trabalhar num Projecto das Nações Unidas, que procura apoiar o desenvolvimento das Mulheres. Sobre as Nações Unidas não posso falar, mas eu posso falar das associações que têm estado muito em

contacto conosco. Há uma associação muito grande na Zambézia, que se chama NAFEZA (Núcleo das Associações Femininas da Zambézia), cujos objectivos estão ligados à alfabetização, à saúde e à prevenção do HIV.

Estão a decorrer muitos cursos de alfabetização, através da associação. Projectos lindíssimos com as mulheres. No dia mundial da alfabetização, as mulheres fizeram um festival enorme. Eram mulheres já de idade, dos seus cinquenta, cinquenta e cinco e sessenta anos, que estavam tão entusiasmadas, porque estavam a aprender a ler. Durante o festival, olhei para elas e pus-me a pensar que realmente, às mulheres, foi vedado o caminho do mundo. Elas estavam tão felizes por estarem com os seus "professorinhos", como elas dizem. Os professores, na maioria, são jovens com os seus quinze, dezassete, dezanove anos que vão para lá, como voluntários, para dar aulas de alfabetização. Ainda nessa festa, lembro-me de uma delas que pegou numa folha de jornal e começou a ler, do jeito dela, mas foi tão bonito! Foi fácil ver que realmente essas mulheres, que durante tanto tempo não tiveram acesso à escrita, sempre sonharam um dia poder ler e escrever. Estão a aprender tarde, mas é um esforço que vale a pena.

Tenho algumas convicções... Eu sou uma mulher sozinha, estou a educar os meus filhos sozinha, mas acho que a minha convicção não está muito longe da realidade. Uma mãe que sabe escrever, tem filhos que sabem escrever; uma mulher saudável, transmite a sua saúde aos seus. Se nós queremos um país alfabetizado e avançado, é preciso investir nas mulheres. Vale a pena investir nas mulheres, porque elas garantem a continuidade, garantem a sustentabilidade do próprio sistema de desenvolvimento. Acho que vale a pena lutar por elas!

Lisboa, 28 de Outubro de 2002